

O noivado e a quarentena mortífera (X)

Ao levar dona Zilá (minha sogra) na farmácia, naquela manhã, como fazia em (quase) todas as manhãs da quarentena mortífera, notei que ela estava meio agitada. Na cadeira de rodas, virava o pescoço toda hora p'ra me olhar. Achei muito estranho porque ela nunca fazia isso. Tive certeza que ela tinha alguma coisa p'ra me falar.

Antes de entrar no elevador da Barata Ribeiro, parei e fiquei de frente p'ra ela decidido. *"Dona Zilá, a senhora quer me dizer alguma coisa?"* Ela respondeu secamente: *"Não tenho autorização!"* Não tem autorização? Pensei em Marli (minha esposa) com Marcelo, o recenseador do IBGE; pensei que haviam suspenso a pensão da sogra; achei que ela estava com febre e sem olfato. Nessa hora milhões de coisas vêm à cabeça.

Maconha! Será que a velha quer experimentar maconha na quarentena? Sonhos eróticos? *"Dona Zilá, como assim, a senhora não ter autorização? Estamos em isolamento social horizontal, já perdi meu emprego, trago a senhora todos os dias na farmácia, ontem fiz sua sopa de abóbora e a senhora fica aí me escondendo o jogo?..."*

No saguão da Portaria, os mascarados e mascaradas que entravam no elevador, com os olhos raivosos da quarentena mortífera, só faltavam perguntar o que eu estava fazendo ali, mascarado, com um litro de álcool-gel na mão, discutindo com uma senhora cadeirante, falando alto (eles e elas não sabiam que ela era ½ surda). Me senti um algoz candidato a algum ministério do Bolsonaro.

Entre no elevador em silêncio e ao chegar à porta do apartamento, antes de abrir, me abaixei e falei no seu ouvido: *"Sogrinha, te amo, o que está acontecendo?"* Ela virou o rosto para o lado que eu não estava e disse: *"Calissa ficou noiva..."*

Abri a porta do apê, como se eu fosse um capitão possuído pelo demônio entrando no Quartel General do Exército em Brasília chutando todos os generais que encontrava em meu caminho. *"Calissa, que história é essa? Você está há 50 dias sem sair de casa, nem tinha namorado, e sua avó disse que você está noiva. Pirou, que conversa é essa?"*

Modéstia à parte, minha filha Calissa do alto de seus 16/17 anos (já perdi a noção de aniversários na quarentena), é linda e charmosa. Sempre achei que ela puxou ao pai.

Ela me olhou com um olhar misto de desprezo e supremacia. Guardou silêncio alguns minutos, me olhou de alto a baixo, de baixo a alto e de baixo a baixo e falou: *"Pai, bem que mamãe diz - você é um grosso -. Fiquei noiva, sim, e daí?"*

Como sempre faço nessas horas difíceis, respirei fundo 25 vezes. Passado o filme da Gripe Espanhola, do Holocausto, da Guerra do Vietnã e da eleição do Bolsonaro, perguntei: *"Posso saber quem é o noivo?"* "Miro", ela respondeu. *"É um militante do PT, defensor das causas democráticas."* Pigarreei e perguntei: *"Ele faz o que?"* Ela respondeu *"É tatu."*

Achei que era engenheiro do metrô, perfurador de túneis, essas engenharias... *"e ele trabalha onde?"* O consultório dele é na Nossa Senhora de Copacabana. *"Consultório?"*

"Pai, ele é tattoo - faz tatuagens -. É lindo, tem o corpo todo tatuado. Quem casar com ele tem o futuro garantido." Perplexo, falei *"Ah, é? Por que?"*

"Ora, pai você é meio burrinho e bem atrasado. Ele vendeu toda a pele dele, quando ele morrer, para a máfia chinesa. Eles fazem abat-jours e objetos de arte de pele humana tatuada. Pagam a ele uma renda mensal vitalícia e a família é amparada após a morte. É uma espécie de Seguridade Social. Você não fica aí, o tempo todo, defendendo a Previdência?..."

Passei a noite na internet e vi que tinham mais de seiscentos mil sites e notícias sobre esse "promissor negócio". Quando acordei, após umas duas horas de sono, tomei um sal de frutas e fui ver Calissa dormindo como um anjo. Pensei: *"seja o que Deus quiser, se rolar esse noivado, pelo menos minha filha está garantida."* ●●●